



**“NÓS SOMOS PORTUGUESES.
PORTUGUESES DA ÍNDIA.”: IDENTIDADE
PÓS-COLONIAL EM *UM ESTRANHO
EM GOA* (2000), DE JOSÉ EDUARDO
AGUALUSA.**

*“WE ARE PORTUGUESES. PORTUGUESE OF INDIA.”:
POSTCOLONIAL IDENTITY IN A STRANGER IN GOA (2000), BY
JOSÉ EDUARDO AGUALUSA.*

*“SOMOS PORTUGUESES. PORTUGUESES DE INDIA.”:
IDENTIDAD POSTCOLONIAL EN UN EXTRAÑO EN GOA (2000), DE
JOSÉ EDUARDO AGUALUSA*

Denise Rocha¹

RESUMO: O objetivo do estudo é analisar no romance *Um estranho em Goa* (2000), de José Eduardo Agualusa, a questão da permanência minoritária de matriz lusófona, após a anexação de Goa (1961), em uma sociedade hindu, bem como as relações com o colonialismo e a identidade, entre o eu e o outro em um espaço multicultural e seu sistema de representações. Eles serão estudados a partir das concepções de escritor-viajante (PAGEAUX) e dos conceitos de cultura híbrida (BHABHA), de identidade pós-colonial (MATA) e de identidade fragmentada (GARMES).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura angolana; Agualusa; viagem; identidade; estranho.

¹ Universidade Federal do Ceará; dena.maria@outlook.com.

Introdução

No lançamento do romance *Um estranho em Goa* (2000), na 10ª Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro de 2001, José Eduardo Agualusa² concedeu uma entrevista ao jornalista da *Folha de S. Paulo on-line*, publicada, em 17 de maio, com o título “Romance angolano pode ser roteiro mágico”, diz autor angolano, com destaque para o tema da identidade cultural:

Folha - Você mostra Goa como um cenário onde a antiga identidade forjada pelos portugueses está em decomposição, diante da anexação pela Índia e a chegada dos estrangeiros. Goa pode ser um laboratório avançado da globalização?

Agualusa - Não mais que mil outros lugares. A particularidade de Goa, e é isso o que também pretendo mostrar no meu livro, tem a ver com a extinção de uma cultura de matriz portuguesa. Há algo ali que está no fim, abrigam-se naquele espaço os últimos órfãos do império português, morrendo, confusos, diante do silêncio do mundo. Não tomo partido de nada. Apenas constato. (AGUALUSA, 2001a)

Em *Um estranho em Goa*, um romance de viagem, Agualusa delinea o percurso internacional de José, angolano, residente no Brasil, que atua como um escritor-investigador, ao tentar elucidar um enigma da história da independência angolana: o paradeiro do comandante Maciel, salazarista que se aliou aos combatentes angolanos, nos anos 1960 e início dos anos 1970, e se tornou amigo de Agostinho Neto. Viajou oficialmente em missão secreta para Cuba, desapareceu e, posteriormente, foi tachado pelos companheiros como traidor da pátria. Sem saber nada concreto sobre o nome verdadeiro do ex-comandante, sua aparência e as causas de sua deslealdade, José escreveu um conto no qual o nomeou de Plácido Domingos, homônimo do cantor de óperas, e o ambientou clandestinamente, em Corumbá, no estado de Mato Grosso. Informado de que o antigo guerrilheiro estava em Goa, lar paterno, o narrador-detetive parte para a antiga colônia lusitana, onde o encontra com o nome de Enoque, e é confrontado com um mundo em transformação, permeado por elementos da globalização. Neste entrelaçamento internacional e pós-colonial, a questão da identidade e pertencimento revela uma crise identitária nos goeses, autodenominados de portugueses da Índia, que vivenciaram a ocupação indiana no ano de 1961, depois de cerca de quase cinco séculos de colonização portuguesa. O escritor-personagem constata ainda o fervor patriótico de pessoas que foram criadas na lusofonia, mas que lutaram pela independência goesa, em prol da anexação ao Estado da Índia, esquecidas de que tanto Goa foi uma criação dos portugueses a partir do século XVI, quanto a Índia foi obra inglesa desde o século XVIII.

Em meio ao turbilhão multicultural - paisagens humanas e geográficas -, José, que busca a si mesmo, se vê envolvido na oferta da relíquia do coração de São Francisco Xavier, intermediada por Jimmy Ferreira que foi assassinado, mais tarde, bem como entra em contato com pessoas pertencentes à seita Filhos de Seth – Lili, Lailah e Samuel – que celebravam o Diabo/o Draco (Dragão)/a Serpente e que traziam marcas corporais que remetiam ao culto.

Na entrevista mencionada acima, Agualusa afirma que “o livro também pretende ser uma reflexão sobre o bem e o mal, sobre a ideia do Diabo na sociedade contemporânea. Na verdade, mais do que um romance sobre Goa. É um romance sobre o Diabo. O Diabo só faz sentido em ambientes de extrema reli-

2 Agualusa [nascido em Huambo, Angola, em 1960] é autor de *Estação das chuvas* (1996), *Nação crioula* (1997), *O ano em que Zumbi tomou o Rio* (2003), *Manual prático de levitação* (2005), entre outros. Sobre o tema “viagem” escreveu: *Fronteiras perdidas: contos para viajar* (1999) e *Passageiros em trânsito: novos contos para viajar* (2006). Na primeira antologia está o conto *Plácido Domingo contempla o rio, em Corumbá*, cujo protagonista reaparece em *Um estranho em Goa*.



giosidade. O Diabo está quase sempre dentro da casa do Senhor”. (AGUALUSA, 2001a).

1. Goa: de colônia portuguesa à colônia indiana.



Figura 1- Mapa de Goa.

Envolvida em um impasse visceral encontra-se parte minoritária dos goeses, depois de 1961, que luta pela preservação do legado luso em uma sociedade hindu³ de matriz inglesa, conforme apresentado no romance *Um estranho em Goa*, de Agualusa: os descendentes (Pedro Dionísio, Salazar (Sal), D. Marcelina e filhos, Oliver e a personagem histórica Percival de Noronha), confrontados com os seus inimigos, os *freedom fighters* (Nagesh Karmali e Krishnarao Rane, da Associação dos Combatentes pela Liberdade de Goa, Damão e Diu, que atuaram na luta de independência e que são também figuras históricas).

Os portugueses em seu projeto de expansão marítima aportaram na região no final do século XV: Em 1498, Vasco da Gama chegou em Calicute, para consolidar o comércio de especiarias.⁴ No ano de 1509, Afonso de Albuquerque localizou o porto natural de Goa, costa oeste da península,⁵ recebeu a permissão da corte de Akbar para a instalação de um entreposto comercial que adquiriu extensão internacional: do

3 Murilo Cisalpino, na obra *Religiões*, destaca que: “Uma característica fundamental da sociedade hindu é o sistema de castas: sua origem está ligada à separação que os árias (de cor clara) faziam entre eles e os habitantes do Vale do Rio Indo (de cor escura) à época da invasão. Apesar de terem sido abolidas em 1947, as castas - que chegaram a mais de 3 mil - ainda hoje marcam a vida social da Índia. Na sua origem, elas eram quatro: a dos escravos (hoje inexistente), descendentes dos primeiros habitantes, dominados pelos árias, ou prisioneiros de guerra; a dos homens livres; a dos guerreiros nobres (xátrias); donos de terras e envolvidos na política do país, da qual saía o rei; e, por fim, a dos brâmanes (‘homens do sagrados’), sacerdotes e mágicos que atuavam tanto nas aldeias quanto junto ao rei”. (CISALPINO, 2003, p. 27).

4 A viagem de Vasco da Gama às Índias é tema do épico *Os Lusíadas*, de Luiz Vaz de Camões.

5 Antes da chegada dos portugueses em Goa existiam muitos comerciantes hindus e muçulmanos. O negócio com cavalos de raça trazia grandes lucros. Localizada na ampla região fértil ao longo do rio Zuari, Goa foi ocupada por diferentes reinados: desde 1349 pelo império muçulmano Bahamani; e, posteriormente, por hindus: em 1378, pelo reinado de Vijaynagar e, no ano de 1470, foi recuperada pelo Bahamani e perdida para o Bijapur.

porto de Lisboa até outros países europeus.⁶ A partir de 1543, o controle luso foi expandido para outras regiões por meio de uma política de colonização, resultando em três feitorias Damão e Diu e Goa. Esta tornou-se, em 1530, a capital do império português no oriente (Índias Portuguesas), consolidando uma relação cultural mais profunda com Lisboa, inclusive com manifestações literárias desde o século XVI.⁷ Luis Vaz de Camões, que ali esteve e escreveu “Endechas à Bárbara”, é evocado no romance de Agualusa.

O catolicismo e o culto à Virgem Maria foram introduzidos pelos jesuítas, entre os quais se destacou Francisco Xavier, conhecido como Goencho Saib (Senhor de Goa, na língua concanim), que foi canonizado pela Igreja católica. Seu corpo, que é reverenciado até mesmo pelos hindus e muçulmanos, encontra-se na Velha Goa, na Basílica de Bom Jesus, um edifício barroco, construído nos anos 1594 a 1605, que foi nomeado patrimônio mundial da Unesco em 1983.

A colonização lusa de Goa foi permeada por constantes revoltas, que resultaram em decapitação e deportação para a África, e que foram organizadas por membros das castas superiores: brâmanes (sacerdotes hindus), maratas (militares e latifundiários) e ranes (hindus militares e latifundiários da província de Satari), os quais lideraram catorze rebeliões contra os portugueses. (MASCARENHAS; LAMBERT *apud* STOCKER, 2005, nota 7, p. 397). A última delas foi no ano de 1912. Em 1917 foi proclamada uma Carta que atribuía autonomia à Índia Portuguesa (Conselho de Governo com nove membros indicados por Lisboa), mas que foi revogada no ano seguinte. Paralelamente surgiu Gandhi como líder do Congresso Nacional Indiano, lançando sua primeira campanha em 1 de agosto de 1920, exigindo independência do domínio britânico.⁸ Em 1928 foi criada uma seção do Partido do Congresso indiano em Goa por Tristão Bragança e Cunha, brâmane comunista, que estudou engenharia na França. (STOCKER, 2005, p. 45).

Em 1947, devido ao pacifista hindu Gandhi (1869-1948), a Índia tornou-se independente e, em 1954, ela negociou sua independência com a França que ainda ocupava algumas regiões, reivindicando Goa. Após anos de tensão, o governo português de António Salazar não queria negociar a independência de Goa até que ela foi, à força, incorporada à União Indiana por cerca de 40.000 soldados nos dias 18 e 19 de dezembro de 1961. A anexação é recente e, por isso, as sensibilidades estão ainda à flor da pele, fato evidente na postura confrontante das antigas gerações da lusofonia, as que recusaram e as que apoiaram a integração à Índia.

6 Os centros comerciais, que estavam localizados na rua Direita e na rua dos Leilões, possibilitavam a compra e venda de especiarias, temperos, comidas, pedras preciosas, joias, ouro, artesanato, cavalos e escravos.

7 No território de Goa, duas regiões e sociedades coexistiam: as Velhas Conquistas (destruição de pagodes e construções de igrejas) e as Novas Conquistas, ao longo do século XVIII com a decadência do império marata (aceitação do hinduísmo). Na região de Pondá, localizada entre as duas áreas mencionadas, foram erigidos pagodes hindus, muitos dos quais conservados até hoje apesar da Inquisição. A situação de segregação foi sendo abolida, bem como a distinção entre as crenças em 1910, fato que possibilitou aos goeses de castas superiores o acesso às funções administrativas. Pela lei de 20 de abril de 1911, os hindus goeses recuperaram a sua liberdade de crença e obtiveram o *status* de igualdade com a minoria cristã. (STOCKER, 2005, p. 37- 40).

8 No ano de 1690, os ingleses fundaram Calcutá, mas somente depois de uma guerra contra a França, que ali também tinha seus domínios, o poder da Grã-Bretanha pode se consolidar na região, embora oficialmente, a dominação tenha começado em 1857, depois de um motim de soldados e de rebeliões em diversas partes da Índia.





Figura 2-Tropas indianas invadem Goa, 18 de dezembro de 1961.

Na obra *Xeque-mate em Goa*, Maria Manuel Stocker analisa o amplo panorama da ocupação de Goa pelos portugueses até sua integração na União Indiana em 1961 e a sua repercussão:

E como a aventura portuguesa na Índia terminou há escassos quarenta anos, a memória da vitória indiana e da derrota portuguesa está fresca em muitas gerações. A história é recente e os sentimentos e ressentimentos dos que viveram esse período manifestam-se ainda quando há oportunidade. [...] O testemunho de quantos foi possível contactar [...] confirmou a sensibilidade da questão para aqueles cuja identidade social de origem foi perturbada pela aculturação portuguesa, como se o luso-tropicalismo acabasse por ser desenraizador. (STOCKER, 2005, p. 29)

Fato é que Goa foi anexada sem ter exigido um estatuto especial, como a Caxemira, que protegesse seus interesses territoriais e regulamentasse, entre outros aspectos, a imigração de indianos de estados circundantes, concorrentes ao escasso mercado de trabalho. Portanto, houve um rito tranquilo para os ocupantes militares: da lusofonia passou-se à anglofilia.

Os processos de descolonização de Goa e o de sua integração na Índia (1961), que provocaram nos falantes de língua portuguesa, nascidos em uma cultura híbrida (catolicismo, hinduísmo e islamismo) o sentimento de serem estranhos na sua própria nação, não possibilitaram evidentemente a sua identificação com os valores do invasor de tradição inglesa.

Vale lembrar que, o amplo território peninsular, conhecido, desde o século XV na Europa, como as Índias, era multifacetado e multicultural, constituído por várias dinastias e reinados hindus e muçulmanos, e que foi dividido entre ingleses (protestantes) e entre os portugueses e franceses (católicos), os quais, sob hegemonia colonial, influenciaram o território durante séculos.

A lusofonia, como cultura híbrida, ainda se faz presente em Goa na virada para o século XXI: a língua portuguesa é falada por pessoas da elite e é ensinada nas escolas como terceira opção, depois do inglês e concanin; a Universidade de Goa tem um departamento de Português e funcionam a Fundação do Oriente e a Sociedade de Amizade Indo-Portuguesa. Na capital Panajim existem ainda cartazes em língua portuguesa, anexados em lojas e edifícios públicos. Os espaços e as entidades culturais mencionados, bem como a

preservação do idioma por grupos minoritários, refletem facetas da identidade pós-colonial fragmentada.

2. Cultura híbrida (BHABHA), identidade pós-colonial (MATA) e identidade fragmentada (GARMES)

Homi Bhabha, no artigo “Ética e Estética do globalismo: uma perspectiva pós-Colonial”, esclarece que o pertencimento a uma cultura híbrida não significa uma mera imitação, nem desqualifica o sistema identitário próprio:

Pertencer a uma cultura que se tornou híbrida não é o mesmo que ser um “imitador”, um desaparecido ou uma personalidade inautêntica; não nos relega para um mundo de narrativas interrompidas e histórias contadas pela metade. Uma perspectiva “híbrida” não tolera mitos de hegemonia nacionalista ou imperialista usados para justificar a dominação ou a discriminação cultural. (BHABHA, 2000, p. 31)

Para Bhabha, a pessoa, inserida no hibridismo cultural resultante da história local como em Goa, na qual viviam hindus e muçulmanos em relativa harmonia, antes da chegada dos portugueses, não aceita simplesmente as categorias do poder hegemônico e seu domínio sobre o Outro; assume alguns elementos, enquanto preserva outros.

O futuro estaria, na opinião dele, sujeito às escolhas pessoais, o passado, entretanto, poderia ser esquecido, reconstruído e condensado:

[...] ao contrário do que acontece com o futuro, não podemos “escolher” o nosso passado cultural ou biográfico; podemos esquecê-lo num gesto de amnésia histórica: podemos reconstruí-lo de modo a que depois se adéque aos nossos interesses presentes; ou podemos condensá-lo no presente, a fim de demonstrar a continuidade da tradição cultural como parte da confluência de uma história partilhada. Em cada um destes casos negociamos com o ‘passado’ para transformar as nossas vidas, mas não podemos simplesmente escolher ou ‘desescolher’ o passado. (BHABHA, 2000, p. 29 e 30)

A questão da identidade pós-colonial é tema do artigo “Estranhos em permanência: a negação da identidade portuguesa na pós-colonialidade”. A autora Inocência Mata destaca que a identidade nacional de matriz lusa seria uma confluência de culturas que devem ter respeito pela história:

[...] trinta anos depois do fim do império, aquilo que se possa entender por identidade da nação portuguesa [...] tem de se fazer de agenciamentos vários, acabando, como qualquer nação pós-colonial, por ser um compromisso entre várias identidades sociais e culturais, várias formas de sentir e de saber resultantes deste processo histórico que foi o *destino atlântico* português. Assim, a identidade nacional portuguesa, como qualquer identidade nacional, acaba por se situar, também no campo de dever ser, isto é, o *dever* de respeitar a história e o ser de uma realidade que se vai fazendo de heterogeneidades. (MATA, 2006, p. 288)

Mata enfatiza: “a coexistência de culturas pressupõe a convivência de culturas em interação e portanto a existência de uma sociedade multicultural, isto é, uma sociedade em que as diferentes culturas se reconhecem na sua diferença como parte de um mesmo corpo”. (MATA, 2006, p. 290).

No artigo “Identidade mestiça de Goa a Cabo Verde”, um estudo sobre *Os brâmanes*, romance goês de 1866, Hélder Garmes evoca a questão da identidade cultural fragmentada goense:

[...] a mestiçagem e a hibridação se expressam na arte a partir de um conjunto de procedimentos formais caracterizados pela forte presença da contradição, do paradoxo, do desequilíbrio, do cruzamento e de diversos outros recursos, que geram no receptor uma constante insegurança no



que diz respeito aos valores, modelos e referências que se encontram ali integrados. (GARMES, 2003, p. 187 e 188)

No romance em questão, os descendentes dos portugueses e os *freedom fighters* estão imersos em um ambiente de cultura híbrida (catolicismo, hinduísmo e islamismo), com identidade pós-colonial (portuguesa e inglesa) e identidade fragmentada (negação/aceitação), pois, cerca de cinco séculos de lusofonia não podem ser apagados simplesmente com o arreamento da bandeira de Portugal. O narrador-escritor-viajante José constata tal dilema multicultural e identitário.

3. O escritor-viajante (PAGEAUX)

A respeito do escritor-viajante, Daniel-Henri Pageaux destaca, no artigo “Da imagética cultural ao imaginário”, que:

No relato de viagens, o escritor viajante é produtor da narrativa, objecto privilegiado da narrativa, organizador da narrativa e encenador de sua própria pessoa. É o narrador, actor, experimentador e objecto e experimentação, memorialista dos seus próprios actos e gestos, herói da sua própria história sobre um teatro estrangeiro do qual se torna analista, cronista e agrimensor privilegiado. Está sobretudo convencido, porque é um viajante, que é uma testemunha única. Ora a viagem não é apenas um deslocamento num espaço geográfico e no tempo histórico: é também um deslocamento numa cultura, aquela que observa. Não se “vê” o estrangeiro a não ser com os utensílios transportados na própria bagagem (cultural). (PAGEAUX, 2004, p. 159)

À questão feita pelo jornalista da *Folha de S. Paulo* na entrevista já destacada: “*Um estranho em Goa* é uma narrativa de viagem de alguém que busca suas raízes?” - José Eduardo Agualusa responde que “[a] questão da identidade está presente em toda a minha obra. Sendo este um romance de viagens, através de uma geografia remota, mas que também inclui a língua portuguesa, era quase inevitável que essa preocupação reaparecesse”. (AGUALUSA, 2001a).

Ao definir sua obra como “romance de viagens”, mesclado com a questão da identidade em língua portuguesa, Agualusa possibilita a evocação dos autores Álvaro M. Machado e Daniel-Henri Pageaux os quais destacam em *Da literatura comparada à teoria da literatura* que: “Não há romance sem herói privilegiado; mas por outro lado, para numerosas gerações, não há aventura sem viagem, não há herói que não seja viajante: não há viagem que não seja ao mesmo tempo matéria romanesca e aventura filosófica”. (MACHADO; PAGEAUX, 2001, p. 45).

O hibridismo - gênero viático (*travelogue*) e romanesco (*novel*) -, constatado na obra de Agualusa, revela textos literários e não-literários, segundo Ottmar Ette em *Literature on the move*:

The relations specially between travelogue and novel are as intense as they are complex. Both genres, each of them shattered into a multitude of subgenres, are literary hybrid forms, which are able to include the most diverse literary and non-literary text types and fragments. (ETTE, 2003, p. 26)

A narrativa tem um tipo de prefácio “MAPA DE GOA”, seguido de treze partes: “PLÁCIDO DOMINGO CONTEMPLA O MANDÓVI”; “O OBSERVADOR DE PÁSSAROS”; “CUIDADO COM A SERPENTE”; “FILHOS DE COBRA”; “A CAIXA”; “FREEDOM FIGHTERS”; “LUA NOVA”; “O CERCO”; “COMO FAZER UMA MÚMIA”; “PRETIDÃO DE AMOR”; “O ORÁCULO DE SHRI MANGUESH”; “O

ESPLENDOR E ANHANGUERA”. No final estão os “AGRADECIMENTOS” e “NOTA”. Vários poemas, que são elencados em “NOTA”, atuam como epígrafes na narrativa.

A inclusão do mapa goense atualizado transmite a noção de fidelidade ao registro geográfico como prova de autenticidade do roteiro das viagens realizadas pelo narrador-viajante pela Velha Goa, pela Ilha de Divar, por Anjuna, Pangim etc.

4. A minoria lusitana em um romance de viagens de caráter híbrido

O romance *Um estranho em Goa*, de José Eduardo Agualusa, apresenta uma etapa na vida do escritor José e sua busca incessante por um desaparecido de forma misteriosa: o antigo guerrilheiro que se encontra em Goa, terra de seu pai, um famoso médico, em companhia de Eli que foi torturado em Angola e perdeu a língua. A residência do antigo militar foi revelada ao narrador-investigador pela portuguesa Lili. Ela se dedica a restaurar antigos missais e está vinculada à seita Filhos de Seth, bem como Lailah e Samuel. Curiosamente, José recebeu a oferta de aquisição de uma relíquia de São Francisco Xavier, intermediada por Jimmy Ferreira, que foi morto violentamente, semanas depois. Depois de saber que o ex-comandante, que está a escrever uma biografia sobre o diabo e domina as técnicas de hipnose, não era um traidor, mas sim foi traído pelos companheiros de luta, o escritor passeia como um turista comum e retorna rumo ao Rio de Janeiro, acompanhado de uma estranha caixa e de uma estátua de madeira em formato de cobra.

A narrativa de viagens de Agualusa tem características de autoficção: a trajetória do narrador com a do autor (personagem, sujeito de enunciação e sujeito aural), o nome José, a profissão de escritor, a residência no Brasil, o nascimento e adolescência em Huambo (Angola), o conto sobre Plácido Domingos inserido no livro *Fronteiras perdidas* (1999) e os conhecimentos sobre botânica (formação do autor em Silvicultura e Agronomia).

A obra tem caráter híbrido com inclusão de intertextos – trechos de poemas de brasileiros contemporâneos⁹ e de obras de autores que escreveram suas impressões sobre Goa em séculos passados: a “pigmentocracia” (a estratificação social) e a violência doméstica em *Goa and the Blue Mountains*, de Richard Burton; a prática do sári (imolação voluntária das viúvas hindus) em *Oriente Conquistado*, do Padre Francisco de Sousa, e na *Navegação do capitão Pedro Álvares Cabral*; as drogas n’ *O Glossário Luso Asiático*, de Sebastião Rodolfo Dalgado; e vestuários femininos e masculinos, bem como a escravidão doméstica na *Viagem de Francisco Pyrard às Índias Orientais*.

No artigo *Seis olhares sobre um estranho em Goa*, Evandro L. v. S. Domingues destaca que:

Se no passado os relatos de viagem pretendiam-se objetivos, o de Agualusa consciente e explicitamente questiona tais pretensões, amiúde pondo em xeque os relatos que vai lendo e, ao que parece, o que vai escrevendo. Evidente que a inserção da subjetividade e da ficção em relatos de viajantes já ocorria antes do autor angolano, bastaria voltarmos para Fernão Mendes. (DOMINGUES, 2005, p. 110)

Trata-se, portanto, de uma narrativa que reflete o preparo do narrador-autor, com leituras prévias de viajantes estrangeiros sobre Goa (a questão da alteridade), bem como no interesse em entrevistar personagens da história contemporânea de Goa: Percival de Noronha, dissidente da independência de Goa e

⁹ Excertos de poemas de Caetano Veloso, Cartola, Paulinho da Viola, Adriana Calcanhoto, Manoel de Barros e de um trecho do conto *O Senhor Diabo*, de Eça de Queiroz (1845-1900).



o presidente Nagesh Karmali e o vice Krishnarao Rane da Associação dos Combatentes pela Liberdade de Goa Damão e Diu. Além das entrevistas com o escritor goês Mário Cabral e Sá e com a historiadora Prati-ma Kamat que são mencionadas na narrativa.

O narrador cita também o movimento de independência no início do século XX n' *A desnacionalização dos goeses e da sua perspectiva colonialista*: a integração de Goa na Índia, de Tristão Bragança da Cunha, e o significado da cruz gamada em Goa e sua descaracterização na Alemanha nazista n' *Os arcanjos negros do hitlerismo*, de Robert Ambelain. Bem como autores que se expressaram (poesia ou narrativa), sobre a viagem externa e interna e a respeito do Diabo.

Apesar de ser um romance de viagem, com caráter autoficcional e intertextual, *Um estranho em Goa* tem elementos de romance policial, devido à busca de elucidação do assassinato de Jimmy Ferreira, proprietário do Bar Bicho da Sede, envolvido em tráfico de drogas, de mulheres e de relíquias como a do coração de São Francisco Xavier que foi oferecido a José em uma caixa vermelha, ornamentada com a cruz gamada.

A narrativa dispõe de vários elementos paratextuais: a cartografia, epígrafes e notas de rodapé com citações de autores e referências bibliográficas que incluem informações ao corpo textual. E é aberto com uma representação geográfica de Goa Segue-se na página seguinte, o excerto do poema *O nome da cidade*, de Caetano Veloso: “*Onde será que isso começa/ A correnteza sem paragem/ O viajar de uma viagem/ A outra viagem que não cessa?*”. Abaixo é mencionado um trecho da narrativa *Sedentários que dan vueltas*, de Javier Moro:

Los viajes son una metáfora, una réplica terrenal del único viaje que de verdad importa: El viaje interior. El viajero peregrino se dirige, más Allá del último horizonte, hacia una meta que ya está presente em lo más íntimo de su ser, aunque aún siga oculta a su mirada. Se trata de descubrir esa meta, que equivale a descubrir-se a sí mismo: no se trata de conocer al outro. (apud AGUALUSA, 2001, p. 9)

Quatro elementos destacam-se na abertura em estilo prólogo do romance - o mapa, o diabo, a viagem e a viagem interior – que atuam como *leitmotive* da obra.

A inclusão do mapa de Goa na contemporaneidade que tem uma pequena imagem de um demônio alado à esquerda (sinédoque), causa estranhamento, prenunciando o desconhecido, o extraordinário e o estranho.

O adjetivo estranho, segundo Waldenfelds, abrange três definições: “Estranho [...] é, em primeiro lugar, aquilo que surge fora da área do próprio [...]. Estranho é, em segundo lugar, aquilo que pertence a outro [...]. Estranho é, em terceiro lugar, aquilo que parece insólito no seu modo de ser”. (WALDENFELDS apud CLARA, 2006, p. 277).

4.1. Identidades fragmentadas

O título do romance *Um estranho em Goa*, de José Eduardo Agualusa, sinaliza a alteridade de um visitante, o próprio narrador, que apresenta diferentes estranhos -para si e para os outros-: aqueles que estão em busca própria (ele próprio e o antigo comandante Maciel, conhecido como Enoque); aqueles que cultuam o legado luso em uma Goa inglesa: os falantes de língua portuguesa (o proprietário de hotel Pedro Dionísio, a dona de casa D. Marcelina e filhos e o aposentado Percival de Noronha (personagem histórica)), e os não-falantes (o taxista Salazar (Sal) e o pianista Oliver). Além daqueles que foram criados na lusofonia, mas que escolheram

serem tutelados pela Inglaterra via Índia: Nagesh Karmali e Krishnarao Rane, *freedom fighters*.

Destacam-se, ainda, os estrangeiros (a estadunidense Lailah e o irlandês Samuel), que estão em busca de uma razão para viver em Goa, na qual existem práticas monoteístas (catolicismo e islamismo) e politeístas (hindus), mas ele optam por escolher uma religião, de origem egípcia, Filhos de Seth, simbolizada pelo demônio, o dragão (Draco) e a serpente.

O narrador informa as referências culturais ligadas à lusofonia, refletidas em provérbios:

Se alguém lançar uma pedra, em qualquer lugar de Goa, é quase certo que vai acertar num porco, numa igreja ou num Sousa. Já me citaram esse provérbio uma dúzia de vezes. O provérbio preferido goeses, contudo, é outro, mas infelizmente deixou de fazer sentido há pelo menos uns trezentos anos: “Quem foi a Goa não precisa de ir a Lisboa”. (AGUALUSA, 2001, p. 22)

A presença de rastros concretos da expansão marítima portuguesa e da chegada em Goa parecem perpetuadas através dos tempos, no estranho ranger do piso de madeira do Hotel Mandovi, de Pedro Dionísio, que explica para José:

[...] o soalho, de rijo pinho português, fora feito a partir dos salvados de uma caravela. A madeira, curada pelo sal de todos os mares do mundo, resistia às agressões dos séculos, ao tormento das monções, à sanha das térmitas, e isto sem necessidade de qualquer tratamento químico. À noite, porém protestava, como se os fantasmas dos marinheiros mortos regressassem nas trevas para bailarem naqueles salões as suas danças selvagens. (AGUALUSA, 2001, p. 112)

A paisagem católica de Goa está evidente em manifestações espontâneas e populares, como no culto à Virgem Maria em uma rua, em cujas orações José foi impelido a participar:

Ao sair encontrei um grupo de homens reunidos junto a um oratório, mesmo ali, no início da Rua de Ourem. Um velho tirava de um pobre violino uma melodia melancólica, triste como chuva fina num dia de inverno, enquanto ao redor dele uns vinte outros homens cantavam orações em português:

Virgem nossa soberana
Sede nossa interceptadora
Virgem Nossa Senhora
Velai por nós
Virgem Nossa Senhora amparai-nos. (AGUALUSA, 2001, p. 124-125)

A festa de São Francisco Xavier revela a união de pessoas de diferentes religiões que reverenciam o santo português:

Milhares de pessoas faziam fila- a autêntica fila indiana - para entrar na Basílica do Bom Jesus. Pela roupa era possível distinguir os católicos dos hindus. Os homens vestiam quase todos fato e gravata. As mulheres, as cristãs, passeavam-se com vestidinhos de folhos, cor-de-rosa ou azul-celeste, como delicadas figuras de um conto de fadas. As hindus, naturalmente em menor número, sobressaíam no fulgor de seus sáris de cerimônia. (AGUALUSA, 2001, p. 145)

Perplexo, José constata que para muitas pessoas, inclusive para alguns hindus, o passado colonial católico causa saudades:

Curiosamente, até alguns velhos goeses hindus revelam uma certa nostalgia pelo passado colonial. Muitos valorizam determinados fatores da herança portuguesa, incluindo a língua, procurando assim diferenciar-se dos indianos recém-chegados ao território. “Nós somos mais



civilizados do que esses tipos”, dizem, e recordam o tempo, quarenta anos atrás, quando as cidades e as aldeias de Goa eram limpas, sossegadas e seguras. (AGUALUSA, 2001, p. 105)

4.1.1. Os descendentes

Em sua chegada à Goa, José conhece o taxista Sal que o conduz do aeroporto para a capital Panji. Durante a rota, o escritor-viajante percebe “que emergíamos em meio a um horizonte liso e dourado de campos de arroz. Arroz e cocos: foi disto que Goa viveu durante séculos, para além da fé, é óbvio”. (AGUALUSA, 2001, p. 21).

O jovem Sal, que se torna o motorista pessoal de José nos deslocamentos locais e intermunicipais, revela-se um consciente lusitano, nascido depois de 1961, que não fala português, somente “Bom dia!”, e que acredita no futuro de uma Goa autônoma:

— Houve ou há ministros de origem goesa no Quênia, em Moçambique, em Portugal e em Inglaterra. Houve goeses que lutaram pela independência de Angola, Moçambique e do Quênia. E nós, não podemos ser independentes e administrar o nosso próprio país? (AGUALUSA, 2001, p. 107)

O nome dele, Salazar Barata de Sousa, que evoca o ditador de Portugal, ainda cultuado em Goa, espanta o recém-chegado:

Perguntei-lhe de onde veio aquele nome. Sal. Inédito para mim. Estaria à espera, na Índia, de encontrar alguém chamado, sei lá, Pimenta, Cravinho, até Açafrão, mas nunca Sal. A resposta deixou-me atordoado. Pedi-lha para repetir e ele, dessa vez, disse-me o nome completo. Torce-o, porém, tão cruelmente, que só quando o vi escrito o compreendi – Salazar Barata de Sousa. Perguntei-lhe se sabia quem foi Salazar. Sal olhou para mim ofendido:

— Um grande português.

Salazar! Prefiro-lhe chamar-lhe Sal, realmente, ou Sousa, Senhor Sousa fica-lhe bem. (AGUALUSA, 2001, p. 22)

O taxista Sal apresenta outra faceta de sua identidade, ligada às raízes ancestrais:

Sal disse-me que é de Loutolim. Perguntei-lhe então se toda a família nascera nessa aldeia. “Não”, respondeu impávido. “Eu nasci em Pangim.” Levei alguns minutos a perceber que em Goa quando ser perguntado a alguém, “*where are you from?*”, a pessoa não indica o lugar onde nasceu, e sim a aldeia onde a família é originária. (AGUALUSA, 2001, p. 25)

A identidade católica e portuguesa de Sal está cristalizada no ‘altar’ de seu táxi no qual são venerados a cruz de Cristo, a Virgem Maria e São Francisco Xavier:

O tablier do carro, transformado em altar, proclama isso mesmo: há uma Virgem Maria dentro de uma redoma de vidro, com pequenas luzes coloridas que piscam ao ritmo da música, uma minúscula urna com o corpo incorrupto de São Francisco Xavier, um crucifixo de prata suspenso do espelho retrovisor. (AGUALUSA, 2001, p. 19)



Figura 3- São Francisco Xavier (1506-1552)

A sua adesão identitária ligada à metrópole revela-se também com a presença de bandeiras no táxi: a de Portugal, a da União Europeia e a de um time de futebol. Atônito, José comenta:

Um táxi com a bandeira do Futebol Clube do Porto é uma coisa que apenas esperava encontrar na cidade do Porto. Se fosse do Sporting ou do Benfica, clubes menos regionais, não estranharia tanto. Ontem, curiosamente, em conversa com o escritor Mário Cabral e Sá, soube que nos anos cinquenta se chegou a criar um Futebol Clube do Porto de Siolim: “copiávamos tudo de Portugal” – disse com amarga ironia. O táxi de Sal também tem uma bandeira portuguesa, colada ao vidro posterior, ao lado de outra da União Europeia. Finalmente – foi isso que me conquistou – Sal deu ao seu carro um belo nome, Princesa de Goa, e escreveu-o a tinta dourada em ambas as portas. (AGUALUSA, 2001, p. 21)

Católico devoto, Sal expressa sua antipatia com os hindus e suas divindades. Parecendo desconhecer que a religião já existia em Goa, bem como o islamismo antes da chegada dos portugueses, ele vocifera:

“Se houver uma guerra na Índia entre mouros e hindus”, confidencia-me, e dir-se-ia interessado em que isso aconteça. “nós, os católicos, vamos apoiar os mouros.” Nos últimos meses têm surgido na imprensa alguns artigos exigindo ao Papa que peça perdão, em nome da Igreja, pelos crimes que o Santo Ofício cometeu na Índia. Isto deixa Sal verdadeiramente enfurecido: — A Inquisição – defende –, foi um assunto entre católicos. Ninguém importunou os hindus. Podia responder-lhe que todos em Goa eram hindus antes das conversões em massa, e que essas conversões se conseguiram bastantes vezes pelo temor – mas não vale a pena. Tenho ao meu lado um guerreiro numa cruzada [...]. (AGUALUSA, 2001, p. 19-20)

A intempestiva recusa em aceitar as divindades hindus é explicada por Sal por causa de seus aspectos zoomórficos¹⁰ que contrastam com a aparência normal de uma pessoa como Maria:

— Olhe bem para os deuses deles. Homens com cabeça de elefante, outros com cara de macaco, mulheres com braços, como as aranhas, é uma coleção de monstros! Não entendo como alguém pode adorar figuras assim. (AGUALUSA, 2001, p. 19-20)

10 Existem várias divindades do panteão hindu: “Indra, senhor dos deuses, representado como um touro; Aurora, mãe de todas as criaturas, representada como uma vaca; Vata, deus dos ventos; Marutes, das águas e dos rios; Rudra, da tempestade. Os mais importantes compõem a trindade hindu: Vishnu, Shiva e Brahma”. Além disso: “A complexidade dos cultos hindus deve-se às diferentes maneiras de influir sobre os deuses, todas elas mágicas: utilizam-se o *mantra*, fórmula sintética murmurada, encantos, amuletos, adivinhações de sonhos e sinais astrológicos”. (CISALPINO, 2003, p. 26 e 27).





Figura 4- Deus Ganesha.



Figura 5- Deusa Laksmi.

Emocionado, Sal indica para a imagem de Maria: “Agora olhe para Nossa Senhora, tão linda veja como a luz se desprende dela... (AGUALUSA, 2001, p. 19 e 20).



Figura 6- Virgem Maria.

O jovem católico Sal despreza as mulheres de Karnataka, por serem hindus:

—“São muito feias!” Perguntei-lhe se não aceitaria casar com alguma particularmente bonita – e há-as lindíssimas. Disse-me que sim apenas porque, obviamente, não lhe apetecia prolongar a conversa: “Se ela se convertesse poderia casar”. Mais à frente, no entanto, voltou ao assunto: “A minha mãe não me deixaria casar com uma mulher cuja família não fosse católica.” (AGUALUSA, 2001, p. 105-106)

Na capital Pangim, o escritor-viajante José, que sempre se faz acompanhar de seu bloco de notas, revela suas impressões sobre a arquitetura portuguesa decadente e sua analogia com goeses, denominados de os “últimos descendentes da velha aristocracia católica” que altivos mantém a dignidade identitária:

Estou alojado num casarão antigo, decrépito, cujas paredes, de um amarelo prodigioso, dir-se-iam perpetuamente iluminadas pelo furor do crepúsculo. Chama-se Grande Hotel do Oriente. Apenas o nome, gravado numa larga placa de madeira sobre a fachada em ruínas, guarda ainda o brilho do passado irrecuperável. Há por aqui, em Goa, muita gente como este meu hotel. Os últimos descendentes da velha aristocracia católica ostentam nomes igualmente improváveis, tão portugueses que nem em Portugal existem mais, e fazem-no com o orgulho melancólico de quem tudo teve, e tudo viu ruir e desaparecer. (AGUALUSA, 2001, p. 18 e 19)

O narrador destaca que a elite lusófona exhibe estranhos nomes, porém, a massa não tem mais noção das raízes e da importância de suas denominações: “O povo, no entanto, usa-os sem entendimento, corrompe-os alegremente, à semelhança de um pobre merceiro que achasse na rua uma edição rara de *Os Lusíadas* e se servisse das suas páginas para rabiscar nas margens a contabilidade do dia”. (AGUALUSA, 2001, p. 18-19).

O proprietário do Hotel Mandovi, onde José se hospeda, é um goês orgulhoso de sua formação lusófona e o leva a visitar a Ilha de Divar que preserva conhecimentos ancestrais:

Pedro Dionísio Francisco Botelho Menezes de Sousa é o seu nome completo, mas ele não tem certeza se será o verdadeiro: “Antes a minha família chamava-se Kamat, que vem de uma palavra que significa agricultor, porque nessa época os nomes eram atribuídos consoante as profissões. “Pedro Dionísio diz “antes”, como se dissesse “há três dias”. Este antes, no caso, são talvez quinhentos anos. (AGUALUSA, 2001, p. 34)

Em suas entrevistas locais, José é levado a conhecer a dona de casa Marcelina Cabral, viúva e mãe de cinco filhos, que ofereceu a ele o tradicional bolo bebinca, enquanto narrava sobre o pesadelo iniciado com a chegada dos invasores no dia 17 de dezembro de 1961, quando:

[...] arrearam a bandeira portuguesa.
 — Chorei muito, abraçada ao meu irmão, na altura em que vi a nossa bandeira a ser arreada. Aquilo doeu-me como se me tivessem a arrancar um braço. Não pode imaginar como aquilo me doeu. [...] Havia lágrimas nos olhos dela.
 — Só não fui para Portugal, como fizeram a maior parte dos portugueses, porque o meu marido, funcionário público, seria provavelmente transferido para a África, e eu tenho horror aos pretos. Veja bem, havia uma guerra em África, e eu estava com cinco filhos pequenos, então tive medo e disse ao meu marido que preferia ficar. O marido, porém, não sobreviveu aos novos tempos:
 — Ele bem tentou aprender inglês, coitado, mas burro velho não aprende línguas. Dizia *good morning*, e era tudo. Nunca mais foi promovido. Morreu de desgosto antes que isso chegasse ao que é hoje. (AGUALUSA, 2001, p. 58)

A anexação de Goa à Índia provocou a fuga de muitas pessoas, algumas das quais foram transferidas para funções administrativas nas colônias africanas. A imposição da língua inglesa causou muitos transtornos:

Dona Marcelina também não fala inglês e do concanim só aquelas coisas do dia a dia - “o mínimo que preciso saber para me comunicar com os criados”. Pergunto-lhe se alguém a maltratou ou de alguma forma a incomodou depois da integração. Dona Marcelina nega:
 — Não, isso não, graças a Deus! Ninguém pode dizer que fomos maltratados.
 Fica um tempo em silêncio. Lamenta que todos os seus amigos de infância tenham ido embora:
 — Agora há tão pouca gente com quem falar português que por vezes quero usar uma palavra e já não me recordo. (AGUALUSA, 2001, p. 58)

Há anos atrás, a senhora visitou os familiares em Portugal e na alfândega um funcionário estranhou seu passaporte indiano, por ela ter a pele tão clara e falar tão bem o português:

— A senhora não é portuguesa?
 Chorou:
 — Sou portuguesa, sim, meu filho, no coração sou portuguesa. Mas obrigaram-me a usar esta coisa.
 A coisa era o passaporte. Os funcionários riram-se muito. (AGUALUSA, 2001, p. 58)

Para tristeza de Dona Marcelina, seus cinco filhos casaram-se com belas moças católicas, mas nenhuma delas é mestiça, descendente, “rapariga portuguesa”:

Pergunto-lhe se preferia que os filhos tivessem casado com descendentes. Ela abana a cabeça rapidamente, da esquerda para a direita, a maneira indiana de dizer que sim. É um gesto contagioso. Eu próprio me surpreendo, por vezes, sacudindo a cabeça desse jeito. (AGUALUSA, 2001, p. 59)

A fim de encerrar a entrevista, José questiona Joaquim, um dos filhos de Dona Marcelina, que tem



a aparência de indiano, e não a pele branca materna:

Ele, como os quatro irmãos, nunca foi a Portugal. Mas também se sente português.
— Somos portugueses. Portugueses da Índia. Não temos nada a ver com esta gente. (AGUALUSA, 2001, p. 58)

José faz uma recomendação ao altivo jovem:

— Sugiro a Joaquim que passe algumas semanas em Portugal. Talvez em Lisboa, descubra que é indiano. Ele olha para mim revoltado:
— Não, não! Como pode dizer isso? Seria mais fácil para mim viver em Lisboa que em Bombaim. (AGUALUSA, 2001, p. 58-59)

Perturbado com a obstinada postura identitária de Dona Marcelina e de Joaquim, José narrou a Plácido Domingo/Enoque a respeito do inusitado diálogo com os descendentes:

— O senhor eu entenderia se me dissesse que não se sente indiano, mas eles, que nasceram aqui, que toda vida viveram aqui, como se explica isso? O velho riu-se:
— Sabe o que é um judeu? É alguém a quem lembram que é um judeu. Provavelmente esses indivíduos não se sentem indianos porque todos insistem em lhes dizer que são portugueses. (AGUALUSA, 2001, p. 63)

O escritor goês Mário Cabral de Sá, a quem José também entrevista, não guarda boa recordação dos descendentes:

— Quando estávamos no Liceu era comum os mestiços maltratarem os nossos companheiros hindus. Tiravam-lhes os chapéus, mandavam-nos baixar as calças, perguntavam-lhes: vocês rapam a pentelheira ou não? E a gente ficava chocada. Havia portanto uma afinidade rática entre católicos e hindus, contra os descendentes, que ultrapassava a religião. (AGUALUSA, 2001, p. 51)

No Hotel Mandovi, o pianista Oliver, que não fala português, tenta entreter o público com canções diversas. Certa ocasião, durante a execução do Hino de Portugal, ele é interrompido por um senhor furioso. Pedro Dionísio, o proprietário, esclarece para José:

— É um *freedom fighter*. Diz que lutou contra os portugueses, que foi preso e torturado, e não pode admitir, já velho, que façam troça de seu sacrifício. Diz que nos hotéis portugueses, quando esteve em Lisboa, nunca ouviu tocar o Hino da Índia... (AGUALUSA, 2001, p. 88)

Pedro Dionísio admite: “— Acha que fico feliz, coitado, um dia destes tenho de lhe dizer que isso me deprime. Hoje já tocou o Malhão Malhão, vários fados conhecidos, e é a segunda vez que destrói o hino”. (AGUALUSA, 2001, p. 88). José aproximou-se de Oliver, que confessou em inglês:

[...] de português, sabia apenas os versos de algumas músicas: “encosta sua cabecinha ao meu ombro e chora”, “mamãe eu quero a chupeta”, “Sebastião come tudo e não deixa nada”. O pai, contou-me ele, foi para Bombaim tocar violino nos cinemas. E, por isso ele, Olivier Bastos, nasceu na grande cidade. Com o triunfo do cinema sonoro a família regressou a Goa. Ele, Olivier Bastos, ignorava tudo acerca delas, inclusive o significado d’*A Portuguesa*. (AGUALUSA, 2001, p. 89).

José entrevistou Percival de Noronha, “o perfeito cavalheiro da velha aristocracia católica goesa”, que “vive sozinho, rodeado de móveis indo-portugueses.[...] Na parede tem pendurado um escudo com as armas da Índia Portuguesa”. Ele “envolveu-se há alguns anos numa terrível polémica, depois de ter publicado um artigo num jornal local a defender a tese de que Goa foi tomada à força e não libertada pelas tropas indianas” e, por isso, recebeu um telefonema intimidador com ameaças de sequestro e marcha forçada pelas ruas com a

“cabeça coberta de bosta”. Patriota lusófono, Percival foi acusado pela imprensa ligada aos *freedom fighters* “de ser um traidor à pátria e um escravo dos portugueses”. No entanto, nada o fez mudar de opinião:

— Nós fomos integrados à força nesta grande desordem — diz, revelando uma surpreendente energia. — Em apenas vinte e quatro horas mudou-se a língua. A língua era de uma potência colonial e passou-se para a língua de outra potência colonial, a língua inglesa. Imagine o trauma que tudo isto provocou. O que é Goa hoje? Um pequenino estado dentro de um país enorme como é a Índia. Nós não tínhamos corrupção. Hoje a corrupção está generalizada. Antigamente todos os cargos na administração pública eram ocupados por goeses. Hoje, nem com o auxílio de uma lanterna, e em pleno dia, você encontra um goês numa secretaria. Cada dia nos sentimos mais estrangeiros dentro de nossa própria terra.

O grande erro, segundo Percival de Noronha, foi Goa não ter negociado um estatuto especial, como aconteceu com Caxemira, que protegesse os interesses do território e controlasse a entrada de imigrantes indianos vindos dos estados vizinhos.

E o futuro?

— Não há futuro. (AGUALUSA, 2001, p. 106)

4.1.2. Os *freedom fighters*

No processo de descolonização de Goa, um grupo de pessoas, falantes da língua portuguesa, criou a “Associação dos Combatentes pela Liberdade de Goa Damão e Diu”, cujo presidente era Nagesh Karmali e o vice Krishnarao Rane, que conforme o sobrenome indica, era descendente da casta guerreira dos ranes que durante séculos organizou revoltas contra os portugueses. A associação dos *freedom fighters* tinha sede na Praça da Igreja, de Pangim. José explica:

Em Goa há aqueles que se referem aos acontecimentos de 1961 como “A invasão”, e outros, os nacionalistas, que tremem só de escutar tais palavras. Eles dizem, com orgulho, “A Libertação.” Até agora tenho escutado sobretudo os primeiros, na sua maioria gente ligada à antiga aristocracia católica, ou Descendentes. Também me apetecia ouvir os segundos. (AGUALUSA, 2001, p. 79)

Em visita à associação, José os entrevistava em português, mas Karmali respondia praticamente em inglês, enquanto era interrompido pelo companheiro em língua concanim:

Nagesh Karmali integrou, nos anos cinqüenta, alguns dos famosos grupos de *satyagrahi*, militantes que tentavam, pacificamente, protestar contra a presença portuguesa em Goa. “Colocávamos bandeiras da Índia em edifícios públicos e em monumentos. Distribuíamos panfletos, coisas assim.” Por causa disso foi julgado pelas autoridades portuguesas e condenado a dez anos de prisão. Conheceu o Forte de Aguada e a Prisão dos Reis Magos, onde, afirma, chegou a haver cerca de cinco mil pessoas detidas por motivos políticos. (AGUALUSA, 2001, p. 80 e 81)

À pergunta: “O que sentiu quando as tropas indianas entraram em Goa?”, Karmali respondeu: “— Foi um grande momento para nós. Depois de 450 anos de domínio colonial vimos os portugueses a fugir. Fugiam como coelhos. Foi sem dúvida um grande momento”. (AGUALUSA, 2001, p. 84).

4.1.3. Os estrangeiros

A questão da identidade fragmentada também é evidente na fala do antigo comandante Maciel, de nome civil Enoque, identificado por José como Plácido Domingos:

— Hoje sente-se indiano?

— Não, indiano não, mas às vezes me sinto goês...

— E português?



— Isso já não sei. O que é um português?
A pergunta me pegou desprevenido. Hesitei:
— Bem, antes de mais nada, suponho um europeu...
— Os portugueses, europeus? — Riu-se com mansidão. - Nunca foram. Não o eram antes e não o são hoje. Quando conseguirem que Portugal se transforme sinceramente numa nação europeia o país deixará de existir. Repare: os portugueses construíram a sua identidade por oposição à Europa, ao reino de Castela, e como estavam encurralados, lançaram-se ao mar e vieram ter aqui, fundaram o Brasil, colonizaram África. Ou seja, escolheram não ser europeus. (AGUALUSA, 2001, p. 46)

Entre os estrangeiros conhecidos por José destacam-se os membros da seita Filhos de Seth e, principalmente Lailah que está em busca de si mesma na multicultural Goa:

Pareceu-me assustada. Pareceu-me ridícula. O que eu via agora à minha frente era uma jovem americana, de classe média, tão aterrorizada com a perspectiva de se encontrar sozinha no universo que estava disposta a acreditar em qualquer coisa - no diabo, em fadas, em extraterrestres, provavelmente até em Bill Clinton. Uma pobre menina tão ansiosa por encontrar uma identidade, e depois um grupo dentro do qual a pudesse exercer, que não hesitara em fender a própria língua e em raspar, com uma máquina de barbear, a cabeça negra. (AGUALUSA, 2001, p. 98-99)

No artigo *A ambiguidade do discurso colonial: Um estranho em Goa*, de José Eduardo Agualusa, Francisco J. S. Melo esclarece que:

O narrador multicultural aproxima-se da gente goesa para dela extrair a empatia humana de mais um povo que se perdeu na voragem de um tempo ingrato com as minorias étnicas, mas que agora tenta se reafirmar num gesto último ante a dissolução total. O narrador revela-se comprometido com a tradição cultural lusófona, já que demonstra conhecer tanto a vida em Portugal quanto aspectos da cultura brasileira; ele acompanha a luta do povo do Timor Leste e de seus compatriotas angolanos, enfim, ele aparece um estranho em Goa, mas, de fato, ele é mais um irmão entre irmãos. (MELO, 2006, p. 113)

Conclusão

O escritor-viajante que é “o narrador, actor, experimentador e objecto e experimentação, memorialistas dos seus próprios actos e gestos, herói da sua própria história sobre um teatro estrangeiro do qual se torna analista, cronista e agrimensor privilegiado” (PAGEAUX, 2004, p. 159) não deve esquecer que ele somente observa o estrangeiro a partir de sua bagagem cultural.

O escritor-viajante José, de *Um Estranho em Goa*, oriundo de Angola, um país que se libertou de Portugal na guerra colonial dos anos 1960 e 1970, e que vive no Brasil, outro território com legado da lusofonia, preparou-se para a viagem a Goa com leituras de estrangeiros que escreveram suas impressões hegemônicas sobre tal sociedade multicultural: católica, hindu e muçulmana. Deixou-se fascinar, entretanto, pelas ideias sobre relíquias católicas e a constelação de Draco, ensinadas por Lili, membro discreto da seita Filhos de Seth.

O narrador delinea um território neocolonizado, de faceta inglesa, cuja população multicultural anterior (hindus e muçulmanos), apesar da presença portuguesa católica durante quase cinco séculos, preservou ilegalmente o sistema de castas, os costumes, as religiões, os templos, a gastronomia, as vestimentas, as danças, etc. Portanto, a Goa mítica e a de reinos e castas poderosas, como a dos ranas e dos brâmanes, não mudou muito desde a chegada dos lusos, que não eram superiores no aspecto militar e tecnológico, como

demonstraram ser na África e na América. A grande mudança foi a introdução do catolicismo com o culto à Virgem Maria e o trabalho missionário de padres como São Francisco Xavier, cuja atividade social o levou a ser venerado inclusive por hindus e muçulmanos.

Para Bhabha não é possível escolher o passado, mas, sim, esquecê-lo e reconstruí-lo para que se adeque aos interesses presentes, bem como condensá-los a fim de demonstrar a tradição cultural contínua, embora híbrida. (BHABHA, 2000, p. 29 e 30).

O escritor-viajante José constata que Goa na virada do século XX é multicultural – hindus e muçulmanos com sistema de castas, embora proibidos – como já era antes dos portugueses e é marcada por prédios coloniais decadentes e prédios modernos, bem como pelos elementos nefastos da globalização cultural, como as danças rave e propaganda da marca italiana Benetton, o êxodo de turistas à procura de um sentido para viver etc.

O narrador José, que vai escrevendo sua obra ao sabor dos acontecimentos, enquanto procurava o comandante Maciel (Plácido Domingo), revelado como Enoque, abrange vários aspectos da sociedade em transformação depois da integração ao mundo saxônico: o processo dúbio de descolonização; a imposição do inglês, apesar dos outros idiomas locais como o concanim; a rápida substituição da hegemonia portuguesa pela neocolonização de matriz britânica (troca de bandeiras); os conflitos entre católicos e hindus; a imigração em massa de hindus provenientes de estados vizinhos; a não-autonomia de Goa na Índia etc. Destaca-se ainda o sentimento de perda e fragmentação de identidades.

Na opinião de Inocência Mata, a identidade cultural pós-colonial abrange várias identidades sociais e culturais que pertencem a um corpo comum. (MATA, 2006, p. 290).

José, angolano, um estrangeiro no Rio de Janeiro, desloca-se para Goa, a fim de desvendar um mistério da história colonial recente de Angola, sua pátria. Angustiado questiona a si próprio o significado da sua presença em outro país para realizar a investigação sobre a vida de um homem enigmático, Comandante Maciel, que tanto o interessou a ponto de escrever um conto sobre o suposto paradeiro dele. Parece que o escritor, residente no Brasil, que já visitou terreiro de candomblé na Bahia, se deixou fascinar pela relíquia católica de São Francisco Xavier e se dispôs a louvar divindades em templo hindu, tem como os goeses portugueses a identidade fragmentada.

Em sua viagem externa em busca de desvendar a vida de Maciel/Plácido Domingos/Enoque, que na verdade foi traído pelos seus companheiros do Movimento pela Libertação de Angola (MPLA), José empreendia uma viagem interna, em busca de si próprio, evocando imagens de sua infância em Huambo. Parecia ser um estranho de si, desenraizado, com identidade fragmentada, em deslocamentos geográficos, culturais e psicológicos (África, Brasil e Ásia). Em sua viagem de retorno, ele traz mais dúvidas e estranhamentos, principalmente, quando recebe, dentro do avião, um pacote que continha a caixa vermelha, com cruz gamada, que, anteriormente, parecia guardar a preciosa relíquia de São Francisco Xavier: o coração palpitante. Ao sentir as vibrações no recipiente, José estremece, pois sua intuição remete a entender que o conteúdo revela o Diabo, conforme expressa no capítulo final de sua narrativa “ANHANGUERA”, sinal do demônio, que é elencado 122 vezes em expressões distintas, em língua portuguesa.

José Eduardo Agualusa, conforme a entrevista mencionada na introdução (2001), constata sobre Goa pós-1961: “Há algo ali que está no fim, abrigam-se naquele espaço os últimos órfãos do império por-



tuguês, morrendo, confusos, diante do silêncio do mundo. (AGUALUSA, 2001a).

No romance *Um estranho em Goa*, o autor cristaliza o sentimento de angústias identitárias - identidade (BHABHA e HALL), identidade pós-colonial (MATA e GARMES), sob a perspectiva do escritor-viajante (PAGEAUX). Destaca a identidade fragmentada dos goeses lusófonos, falantes (Pedro Dionísio, D. Marcelina e filhos e Percival de Noronha) ou não de língua portuguesa (Sal e Oliver), que lutam para preservar o legado português em um ambiente hostil que revela facetas da “contradição, do paradoxo, do desequilíbrio, do cruzamento e de diversos outros recursos, que geram no receptor uma constante insegurança”. (GARMES, 2003, p. 187 e 188).

O sentimento de estranhamento - o que “surge fora da área do próprio”, “aquilo que pertence a outro” e “aquilo que parece insólito no seu modo de ser” (WALDENFELDS *apud* CLARA, 2006, p. 277) - segundo demonstrado pelo narrador José revela que as profundas raízes do colonialismo lusitano (língua e catolicismo) em Goa ainda estão vivas, mesmo a serem imersas e esquecidas, ao longo das próximas gerações no caldeamento neocolonial britânico e global.

Referências

AGUALUSA, José Eduardo. **Um estranho em Goa**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

_____. [**“Romance angolano pode ser roteiro mágico”, diz autor angolano**]. Entrevista concedida à Folha de S. Paulo, 17 mai. 2001. 2001a. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u13570.shtml>. Acesso em: 7 jun. 2016.

BHABHA, Homi. Ética e Estética do Globalismo: Uma Perspectiva Pós-Colonial. In: _____. **A urgência da teoria**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Tinta da China, 2000. p. 23-44.

CISALPINO, Murilo. **Religiões**. 3. impr. São Paulo: Scipione, 2003.

CLARA, Fernando. O fim da Europa. Onde a nação acaba e o império começa. In: SANCHES, Manuela R. (Dir.). **Portugal não é um país pequeno**. Lisboa: Edições Cotovia, 2006. p. 271-283.

DOMINGUES, Evandro L. v. S. Seis olhares sobre um estranho em Goa. **Gragoatá**, Rio de Janeiro, n. 19, 2. sem., p. 105-122, 2005.

ETTE, Ottmar. **Literature on the move**. Transl. by Katharina Vester. Amsterdam; New York: [s.n.], 2003.

GARMES, Hélder. Identidade Mestiça de Goa a Cabo Verde. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. (Orgs.). **Literaturas em movimento: Hibridismo Cultural e Exercício crítico**. São Paulo: Arte e Ciência, 2003. p. 177-204.

MACHADO, Álvaro M.; PAGEAUX, Daniel-Henri. **Da literatura comparada à teoria da literatura**. 2 ed. rev. e aum. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

MATA, Inocência. Estranhos em permanência: a negação da identidade portuguesa na pós-colonialidade. In: SANCHES, Manuela R. (Org.). **Portugal não é um país pequeno: contar o império na pós-colonialidade**. Lisboa: Edições Cotovia, 2006. p. 285-315.

MELO, Francisco J. S. A ambigüidade do discurso colonial: *Um estranho em Goa*, de José Eduardo Agualusa. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 111-116, set. 2006.

PAGEAUX, Daniel-Henri. “Da imagética cultural ao imaginário. In: BRUGEL, Pierre; CHEVREL, Yves. **Compêndio da literatura comparada**. Trad. de Maria do Rosário Monteiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. p. 133-164.

STOCKER, Maria Manuel. **Xeque-mate em Goa**. Lisboa: Texto, 2005.

Iconografia

Figura 1- Mapa de Goa. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/docs-images/26/7404716/imagens/4-0.png>>. Acesso em: 7 jun. 2016.

Figura 2- Tropas indianas invadem Goa, 18 de dezembro de 1961. Disponível em: <<https://cidadanialusofona.files.wordpress.com/2009/11/goa.jpg?w=500&h=475>>. Acesso em: 7 jun. 2016.

Figura 3- São Francisco Xavier (1506-1552). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Xavier#/media/File:Franciscus_de_Xabier.jpg>. Acesso em: 7 jun. 2016.

Figura 4- Deus Ganesha. Disponível em: <<https://cassiafiletti.files.wordpress.com/2009/02/ganesha5b45d.jpg>>. Acesso em: 7 jun. 2016.

Figura 5- Deusa Laksmi. Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/-hqFVrS_kgp8/VPN736sN-8LI/AAAAAAAAAXoA/D4T_if8N2Zg/s1600/lakshmi_by_valleysequence-d4npq0r.jpg>. Acesso em: 7 jun. 2016.

Figura 6-Virgem Maria. Disponível em: <http://www.santoantoniomguacu.com.br/wp-content/uploads/2015/11/11446_199709306287_197478946287_3666602_1379082_n.jpg> Acesso em: 7 jun. 2016.

ABSTRACT:

The objective of the study is to analyze the novel A stranger in Goa (2000), by José Eduardo Agualusa, the issue of minority permanence Lusophone matrix, after the annexation of Goa (1961), in a Hindu society, as well as relations with colonialism and identity, between the self and the other in a multicultural space and its representation system. They will be studied from the writer - traveler conceptions (PAGEAUX) and hybrid concepts of culture (BHABHA), postcolonial identity (MATA) and fragmented identity (GARMES).

KEYWORDS: Angolan Literature; Agualusa; travel; identity; stranger.

RESUMEN:

El objetivo de este trabajo es analizar en la novela Un extraño en Goa (2000), de José Eduardo Agualusa, la problemática de la permanencia minoritaria de origen lusófono en una sociedad hindú, después de la anexión de Goa (1961), así como las relaciones con el colonialismo y la identidad, entre el “yo” y el “otro”, en un espacio multicultural y su sistema de representaciones. Lo estudiaremos a partir de las nociones de escritor-viajante (PAGEAUX) y de los conceptos de cultura híbrida (BHABHA), identidad postcolonial (MATA) e identidad fragmentada (GARMES).

PALABRAS CLAVE: Literatura angoleña; Agualusa; viaje; identidad; extrañamiento.

